PIÁ 21

ANO XVII | EDIÇÃO 213 | JUNHO DE 2019

VIDA E OBRA DE PAIXÃO CÔRTES: ASSIM NASCERAM OS TRADICIONALISTAS

"Éramos 'moços do interior'. E, além disso, pertencíamos à, então, chamada Geração Coca-Cola... Não era nada fácil aguentar a barra como moço interior. Em Porto Alegre sentíamo-nos semimarginalizados (...) um 'grosso', trajado de botas e bombachas, à campeira, seria inapelavelmente alvo de agressivas chacotas. Era duplo, pois, o nosso sufoco. E foi aí que um outro aluno noturno do Júlio de Castilhos e, funcionário da Secretaria de Agricultura, 'prendeu o grito' em setembro de 1947 e mostrou novamente a Porto Alegre a bandeira rio-grandense, desaparecida já havia dez anos".

No trecho acima, Barbosa Lessa fez um testemunho pessoal de sua época no Colégio Júlio de Castilhos, junto a outros colegas. Suas palavras compõe o artigo "Porteira Aberta" que pode ser encontrado no livro Nós, os gaúchos, de 1992, que reúne textos de muitos outros autores na obra publicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As palavras de Lessa traduzem, perfeitamente, o período que antecedeu a maior revolução cultural já vista pelo nosso povo. Dentro daquele contexto nascia o tradicionalismo gaúcho.

O grande personagem desta história que todos os tradicionalistas gostam de reverenciar foi, indiscutivelmente, o saudoso João Carlos Paixão Côrtes. Suas façanhas na juventude constituem a essência histórico-folclórica do que chamamos de maior movimento cívico, associativo e cultural do mundo: o tradicionalismo gaúcho.

Quando nos reportamos ao período histórico onde tudo começou, encontramos um panorama urbano em que o "velho" estava sendo destruído ou esquecido – tanto monumentos, quanto usos e costumes - para dar lugar aos modismos e a evolução. Paixão relatou inclusive que, à época, a ordem do dia era viver o que ele chamava de "manifestações alienígenas", se modernizar por conta do estrangeirismo.

Um jovem corajoso e inquieto, assim podemos descrever Paixão Côrtes, transformou seus anseios em ações ao fazer a seguinte leitura da sociedade de 1947: "Ao povo não lhe era dada a sua real oportunidade de trazer a público suas manifestações mais sinceras, mais puras, e nós procurávamos ir ao encontro deste problema, porque nos sentíamos como jovens estudantes secundaristas, perdidos de nossas origens no sentido do regionalismo". E foi assim que a ânsia apaixonada de Paixão, se transformou numa paixão além fronteiras.

Em agosto de 1947, junto ao Grêmio Estudantil do Colégio Júlio de Castilhos, Paixão Côrtes fundou, com um grupo de jovens companheiros, o Departamento de Tradições Gaúchas. O objetivo principal do movimento ginasiano era preservar, desenvolver e proporcionar uma revitalização à cultura rio-grandense, interligando-a, mais valorizada, no contexto da cultura brasileira. Por isso sugeriu, dentre o plano de ações da agremiação, a realização de uma Ronda Crioula de 7 a 20 se setembro, unindo as datas cívicas mais significativas para os gaúchos.

E graças a isso, e a muito mais que as páginas desse Caderno Piá não seriam suficientes para registrar, que "nascemos" tradicionalistas.

TU SABIAS?

Em 07/09/1916, Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon criaram, no Rio de Janeiro, a Liga de Defesa Nacional, com o intuito de promover o aprimoramento dos brasileiros em matéria de civismo, tendo como objetivo central, dentre outros, a formulação de uma ideologia que contemplasse o serviço militar obrigatório.

No Diretório do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, o Major Inácio de Freitas Rolim organizou a Corrida do Fogo Simbólico da Pátria, uma prática cultural com caráter patriótico a marcar o início da Semana da Pátria.

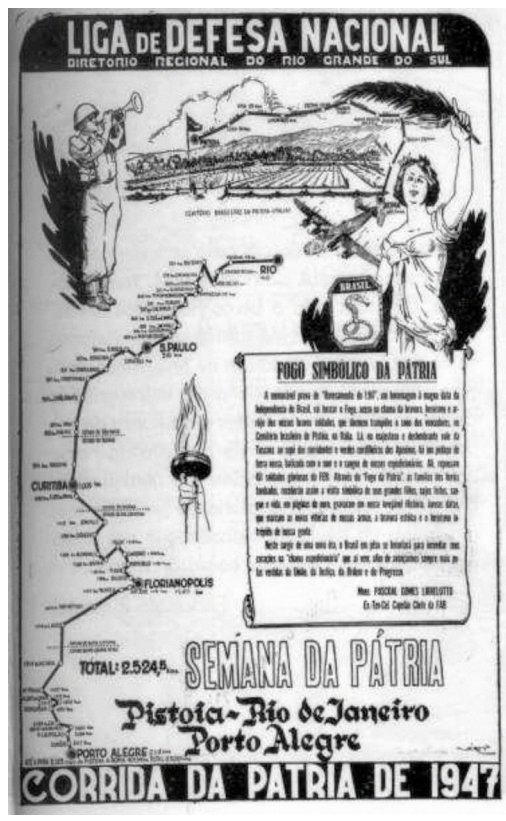
Em 1938 aconteceu a primeira Corrida, que saiu de Viamão, primeira capital do RS, e percorreu 26 km até Porto Alegre.

Considerada "a maior corrida do mundo", ela era, inicialmente, restrita ao RS, mas extrapolou as fronteiras do Estado e do país, sempre culminando na capital Porto Alegre, onde, no Parque Farroupilha, erguia-se a Pira Monumento.

Na Semana da Pátria do ano de 1947, a Liga de Defesa Nacional elaborou uma grandiosa programação que incluía, dentre tantas outras atividades, o translado dos restos mortais do herói farroupilha David Canabarro.

Naquele ano, o Fogo da Pátria teve início em solo italiano, no Cemitério de Pistóia, campo derradeiro dos pracinhas do Exército Brasileiro que lutaram contra o nazismo e o fascismo, e tombaram pela liberdade do mundo.

FONTES: Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista, J. C. Paixão Côrtes, 1994. A História da LDN no Rio Grande do Sul, Júlio C. B. Teixeira, Marco E. D. Pinheiro, Luiz Ernani C. Giorgis, 2016.



MEDICINA CAMPEIRA E BOTICA CASEIRA Parte 2

"Botica" era como se chamava "farmácia" antigamente. O boticário ou apotecário foi, por muito tempo, a única opção de medicina para vilas e lugares interioranos, longe dos centros maiores. Nessas regiões sem vizinhos ou vendas próximas, se fez necessário o hábito de guardar medicamentos em casa para a cura dos entes e dos animais amolados.

Muitas vezes a botica se localiza nas despensas, com remédios já prontos para os momentos de necessidade. Um xarope de guaco, uma pomada de babosa, uma arruda no álcool para terminar com os piolhos, um pote de mel com sal para colocar nas lesões... Por outras, na terra, nos canteiros e quintais das casas repletos de plantas medicinais.

No galpão, a botica é diferente. Os medicamentos utilizados para as lides geralmente estão sobre uma estante velha, meio improvisada, em cima dos ganchos dos preparos do arreio. Quando não ali, engordam os bocós entre a encilha dos peões. São remédios e instrumentos para a cura dos rebanhos que, atrelados aos ensinamentos práticos – herança de gerações –, se perpetuam nas lides das menores às maiores criações.

Seguindo o exemplo da medicina científica, a população também se vale de substâncias minerais, animais e vegetais para elaborar medicamentos caseiros. Por vezes, na própria despensa está a matéria prima perfeita para trazer benefícios em caso de acidentes ou enfermidades. Dentre os elementos indispensáveis na botica caseira da despensa, destaco: água, açúcar, álcool, bicabornato de sódio, cera, cinza, creolina, farinha de mandioca, farinha de trigo, ferro, fumo, graxa, mel, óleo de mocotó, osso, ovo, pó de café, pólvora, querosene, sabão, sal, vinagre e pedras.

É no galpão que geralmente se encontram os remédios utilizados para o tratamento das criações. Seja qual for o bicho – boi, cavalo, ovelha, cachorro, gato, galinha, porco ou mesmo um passarinho de gaiola –, sempre há alguma forma de tratamento que depende daquilo guardado no galpão. Embasei no conhecimento dos mais experientes a seguinte lista sobre as principais coisas que devemos sempre ter em mãos quando o assunto é cuidar da bicharada.

Nos dias das campereadas, alguns desses remédios são levados para o campo, dentro dos bocós ou dos peçuelos, e usados nos animais campo fora quando cinchados numa parada de rodeio ou na saída de um capão de mato. No galpão, geralmente encontramos: remédio de lombo, soro fisiológico, vacinas, vermífugos e antibióticos.

No galpão também existem alguns instrumentos (fômites) que utilizamos para as lides de mangueira. A "formiga" (espécie de alicate utilizado para segurar bovinos), as pistolas de vacinação, o pulverizador, as facas, etc, são exemplos dessas ferramentas.

É nas plantas que encontramos a mais tradicional cura caseira. Esse hábito nos remete a remotos tempos, quando não se tinha outra forma de cura que não aquela dependente das ervas, e que se mostra tão eficaz que perdura até hoje. Segundo estudos, essas curas através das plantas são alcançadas, em suma, quando utilizadas com fé. Fé de quem a recebe e fé de quem a prepara. É o ambiente energético propício para a atuação daqueles princípios químicos que cada planta tem, e que culminam na cura.

No mundo todo a busca pela cura através das plantas está sendo cada vez mais constante. Porém, nesta pesquisa, preferi relatar apenas aquelas plantas que encontramos em solo gaúcho.

Dentre elas, cito: abacateiro(diurético, balsâmico, carminativo e antissifilítico), agrião (descongestionante, antiescorbútico e fortificante), alfazema (carminativo, antisséptico e cicatrizante), cabelo-de-porco (antidiarreico), cana brava (antirreumático), cânfora (cicatrizante, antisséptico e sedativo), cinamomo (antissifilítico), cipó-chumbo (anti-hemorrágico), erva-da-graça (depurativo do sangue), erva-mate (tônico estimulante, sudorífero e digestivo), hortelã-pimenta (vermífugo), malva (anti-inflamatório e estomacal), pata-de-vaca (diurética e vermífuga), sete-sangrias (febrífugo, antigripal e anti-inflamatório), urtiga (calmante e antirreumático), xaxim (expectorante).

PESQUISA DE CAMPO: "Seu" Carlos Kielling, 62 anos, é morador da localidade de Fortaleza, distrito de Coxilha Velha, em Triunfo-RS. Ele também aprendeu sobre medicamentos caseiros com as gerações passadas, pois sempre foi interiorano e pouco teve contato com farmácias durante sua vida.

Ele, que por 40 anos produziu e transportou leite de diversos produtores, acompanhou na prática a adaptação biológica de certas doenças e infestações nos animais por conta da má utilização de fármacos veterinários. O próprio carrapato, que já criou resistência a tantos princípios ativos cada vez mais fortes e inovadores no mercado, em seu tempo de pecuarista era curado cortando a folha verde do pinheiro araucária e colocando-a na água para banhar os animais. Esse tipo de prática, natural e eficaz, não traz efeitos adversos, como a adaptação do parasita, porque utiliza o próprio ambiente para sua ação.

- Pé de losna: "Esta planta é milagrosa!". Transcrição do testemunho do "Seu" Carlos: Por um período da minha vida estive sem poder comer nada além de farofa ou alguma comida fraca amassada, por conta das azias. Qualquer coisa sólida que eu engolisse, me fazia 'cuspir fogo' de tanta queimação por dentro do peito. Um velho, que me viu debruçado de dor sobre uma mesa num restaurante, sentou para conversar comigo, dizendo que já havia passado pela mesma situação, mas um bugre havia lhe apresentado a Losna, e seu problema foi resolvido. Esse velho me ensinou a cortar a folha dessa planta, colocá-la em uma garrafa com água, sem fervê-la nem amassá-la e deixá-la de molho por 3 dias. Essa água, que fica com um gosto mais adocicado, deve ser tomada várias vezes ao dia e em menos de uma semana já cura qualquer vivente do mal de gastrite, azia, indigestão e até úlcera no estômago.

- Mata-bicheira de banha com creolina: Como principal remédio para demonstração neste trabalho, "Seu" Carlos ensinou como se prepara e se utiliza uma pasta para a cura de bicheiras. Essa pasta é feita com banha de porco e creolina ou carvão vegetal. Nessa fórmula, a creolina ou o carvão agem matando as larvas da bicheira e promovendo antissepsia (limpeza) no local afetado, enquanto a banha afasta as moscas do ferimento e auxilia na cicatrização da ferida. Esse medicamento é feito basicamente misturando esses dois produtos até que vire uma pasta homogênea que será passada sobre a infecção.

A CURA RELATADA NA ARTE GAÚCHA

Essa temática de curas embasadas no conhecimento empírico e tradicional do povo gaúcho é de tão importância que foi relatada em diversas obras do cenário artístico telúrico. Afamados escritores como Jayme Caetano Braun, Mano Lima, Paulo Eduardo Pereira e Galvão Almeida de Souza são alguns dos que escreveram a respeito da medicina caseira presente nos interiores do Rio Grande.

Música Gaúcha #EuApoio

Veterinária Campeira

Mano Lima

Pra se curar a basteira a experiência determina
Azeite de mocotó mesclado com creolina
Se o guaxo não quer mamar hay que trocar a chupeta
Cavalo com dor de urina dê-lhe três cerveja preta
Cachorro com mal do sangue em dez dia tá curado
Se usar uma coleira de sabugo sapecado
todo castrador de potro já tem como devoção
Atirá os bago pra frente pra não ficar tropicão
Se o guaipeca anda sarnento, se coçando que dá pena
Esfregue lã de pelego moiada com querosena
Nos beliscão das esquila, pra prevenir a bicheira
É passar óleo queimado com carvão de corticeira
Pra galinha largá o choco só banhando com água fria
A égua que tem cornio duvido que pegue cria
Só castra na lua nova quem gosta de ver sangüera
Abra o olho com o miomio quem leva boi pra fronteira
O carbúrculo não tem cura nem debaixo de promessa
Não perca o tempo tratando um touro que quebra a peça
Cachorro que come ovo e petiço que se empaca
São males que a gente cura com chá de casca de vaca

CONCLUSÃO DO PEÃO

Atualmente há um movimento mundial de retorno aos processos curativos dependentes exclusivamente das medicações naturais e da fé. Ao encontro dessa tendência vai este trabalho de pesquisa, que, além de instruir-nos sobre alternativas de cura não dependentes de fármacos laboratoriais, também é um resgate enriquecedor das particularidades curandeiras encontradas no folclore gaúcho.

As curas caseiras geralmente necessitam da fé para se realizar. Como mesmo o "Seu" Zé Fagundes comentou durante a entrevista, "o melhor remédio é a fé. Acreditar que vai curar!". Fé essa atrelada a cuidados e apreços que não se explicam, mas se sentem. Fé que é tão interna, tão intrínseca ao ser "gaúcho", ao ser "tradicional", que se tornou parte inerente da nossa cultura. Digna de ser estudada, resgatada e utilizada para que não se perca.

Que permaneçam vivos esses saberes antigos. Que a humanidade e sobretudo o povo gaúcho saibam valorizar os conhecimentos daquilo que vem da terra, daquilo que é sagrado, tradicional e que se mostra hoje quase esquecido nos fundões das boticas antigas.

FONTE: Trabalho de pesquisa de campo do Peão Farroupilha da 15ª RT, Paulo Augusto Petry, por ocasião do 31º Entrevero de Peões, Guris e Piás Farroupilhas do RS.

FESTAS JUNINAS

O ciclo junino é compreendido entre 13 e 29 de junho e representa, dentro da história antiga pagã, o período da colheita. Gregos e romanos celebravam os deuses com fogueiras, cantorias e danças. Com o advento do cristianismo, os deuses foram substituídos por santos.

No Brasil, tais festas foram introduzidas pelos portugueses e se espalharam por todo o território, pregando além da cultura, o caráter religioso. No RS antigo, as homenagens aos santos eram marcadas por novena, missa, distribuição de pães, procissão, fogos de artifício, fogueira, pau-de-sebo, porco ensebado, quermesse, tômbolas, jogos de víspora, leilões, festa caipira, casamento na roça, comes e bebes, bandas, espetáculos artísticos, bailes, levantamento do mastro.

Nos dias atuais, algumas tradições foram eliminadas ou adaptadas, enquanto outras permanecem firmes no imaginário social. Os presságios que caracterizam as festas juninas geralmente versam sobre casamento, amor, felicidades, viagem ou morte. Não podemos confundir festa junina com festa caipira, uma vez que o segundo é uma denominação antiga, termo de origem tupi, para identificar os moradores da roça, bem como a população interiorana dos Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Goiás e Minas Gerais.

SANTOS DO MÊS: Santo Antônio, comemorado em 13 de junho, é um dos santos mais populares do Brasil, considerado o santo da família, protetor dos varejistas e dos pobres, padroeiro das povoações e dos soldados, invocado pelas moças casadouras. São João, comemorado no dia 24 de junho, foi primo de Jesus e quem instituiu o batismo. É o santo mais festeiro do ciclo. São Pedro, padroeiro do Rio Grande do Sul, é celebrado em 29 de junho, junto com São Paulo. Fundador da Igreja Católica e apóstolo de Jesus, é considerado o protetor das viúvas e dos pescadores, santo guardião das chaves e porteiro do céu.

FOGUEIRAS E SÍMBOLOS: Santo Antônio possui fogueira quadrada; a imagem do santo o representa carregando o Menino Jesus no colo, cercado de lírios. São João, que tem a fogueira em forma de cone (redonda), geralmente é representado na infância segurando um cordeiro. São Pedro tem a fogueira em forma de triângulo; sua imagem aparece sempre carregando as chaves do céu.

TERNO DE SANTOS/JUNINO: grupos de cantadores que visitam as casas durante o ciclo junino. Às vésperas da comemoração do santo, cantam ao redor da fogueira e do mastro, depois adentram as casas louvando o santo e saudando os donos.

CULINÁRIA REGIONAL DA FESTA DE SÃO JOÃO: galinha frita, assada ou com arroz, batata doce, pinhão, amendoim, pipoca, canjica e doces campeiros. Cachaça, quentão, jacuba e capilé.

PROVA NA NOITE DE SÃO JOÃO: Pega-se um pedaço de papel e pinga-se tinta no centro, logo após dobra-o em quatro partes. À meia-noite abre-o e o desenho formado indicará o futuro da pessoa (ex: viagem, casamento, etc).

FONTE: Rio Grande do Sul: Aspectos do Folclore, Lilian Argentina B. Marques e outros, 1995. Curso de Tradicionalismo Gaúcho, Antônio A. Fagundes, 1995.
FOTO: Google